

# O desejo de analista em questão

Claude Dumézil

**L**acan utilizou o conceito de desejo do analista nos anos sessenta, no mesmo filão de pensamento que aquele de seu seminário sobre o Ato Analítico ou de sua Proposição de Outubro de 1967 que permite, dois anos mais tarde, à Escola Freudiana de Paris, a instauração do procedimento do Passe.

Eu digo aqui desejo de analista e não desejo do analista para sublinhar a natureza de função deste desejo que não poderia ser confundido com um desejo de função, a de ocupar o lugar de analista, a ser trabalhado na cura, como outras ocorrências: sintomas diversos, estrutura edipiana, identificação ao analista etc...

A tese que sustentarei é de que o desejo de analista coloca uma questão específica de estrutura, porque não, psicopatológica, aquela sem dúvida que leva Freud a descobrir a psicanálise e, desde então, não cessa de invadir alguns de uma paixão de inconsciente incompreensível para a maioria. Esta questão do desejo de analista assim colocado, não como acabamento mas como ponto de partida de um percurso na estrutura, centra de outro modo o debate sobre a formação, a transmissão e a invenção da psicanálise, estes dois últimos termos não sendo para serem entendidos, sabe-se, como alternativa, mas antes como os dois tempos enlaçados do que Lacan chamou psicanálise em intenção e psicanálise em extensão.

Podemos nos perguntar se, naquilo que faz laço social entre analistas (associações, escolas ou outras instituições analíticas), as guerras incessantes não são imputáveis à recusa ou à impossibilidade para alguns de desligar este desejo de analista da libido comum, de deixar uma defesa mútua contra o que Lacan chamava o horror que o analista pode ter de seu ato que o reenvia à crueza ou à nudez da falta ou da divisão pela qual ele está marcado. Muitas belas almas, desconhecendo esta hiância ou não querendo nada saber dela, reduzem comodamente e de maneira projetiva a apostas de "poder" as iniciativas visando fazer fracassar o conforto do imaginário dos grupos ou de um soberbo isolamento. A alienação do desejo de analista na preocupação pragmática e corporativista de uma colocação do Ato analítico às normas estatizadas das profissões devidamente ca-

tologadas é de atualidade. Ela é para reaproximar resistências tenazes e repetitivas ao passe ou aos dispositivos sobre a prática da análise daqueles que, confundindo os efeitos e as causas, preferiram ficar aquém da prova ou condená-la em nome da ordem associativa ou da assistência à pessoas em perigo.

\*\*\*\*

Há pouco mais de um ano, numa comunicação feita em Besançon a convite de Hugues Zysmann (1), eu tinha tomado o risco de apresentar, a partir de um material muito pessoal, algumas observações sobre os contornos de um desejo de analista, o meu. Esta passagem do privado ao público tinha se apresentado a mim como um tempo essencial da transmissão, já que a qualidade do auditório o permitia e que o "público", no que concerne o desejo de analista, não poderia ser jamais senão os bastidores do "privado".

A exposição que eu fiz então falava da colocação em xeque deste desejo de analista por duas eventuais pacientes notáveis, uma pelo fardo que sua rara beleza plástica fazia pesar sobre sua vida de ser falante (parlêtre), a outra pela curiosa interferência dos significantes dos quais ela era portadora, com alguns dos meus; a ponto, neste segundo encontro, que, da escuta preliminar que eu fazia, surgisse, no momento em que eu menos esperava, em duas palavras e três fonemas, a inscrição significativa, como um brasão, de minha marca edípica tal como não me havia jamais aparecido nem na minha longa análise com Lacan, nem no Passe que eu fiz há vinte anos na Escola Freudiana de Paris e que me valeu, no entanto da parte de meus pares, a nomeação ao título de Analista de Escola (AE) na época concedido.

O congresso de Besançon tinha por tema "As vias da psicose". Minha exposição e meu brasão edipiano encontravam, como na história da primeira paciente, a questão das relações particulares com "O nome do pai" como metáfora abrindo ou não sobre a cadeia significativa, um pouco, muito, apaixonadamente, ou nada. Recalcamento, sublimação ou forclusão, tais surgiam minhas questões sobre uma ligação possível entre esta particularidade edipiana e um tornar-se analista como única alternativa possível a um destino funesto, questão de estrutura psi-

copatológica. Um colega, Bernard Brémond (2), retomou recentemente no grupo de estudo do Traço do Caso de onde tinha saído o material de minha exposição clínica esta questão da origem do desejo de analista em relação com um "traumatismo" da infância onde uma figura paterna teria feito obstáculo às vias habituais da sublimação.

O entrelaçamento dos discursos de minhas duas pacientes com a emergência inesperada de uma formação do meu inconsciente tratando tão claramente de uma metáfora paterna desfalcada, sublinhava ao mesmo tempo a inscrição do desejo de analista na cadeia significativa em seu lugar de fragilidade e o fiasco de sua efetivação no contexto mesmo que o revelava. Da sustentação deste desejo me voltou a fórmula que Lacan deu disto, desejo de x, e o x obsessivo de um outro paciente neurótico frustrado pelo sexual, este jogo de letras indicando talvez o ponto de junção e de disjunção radical entre libido e desejo de analista.

A impossível sublimação não é suficiente sem dúvida para curvar a paixão do significante. É por isso que sou levado a supor uma forclusão parcial do Nome do Pai, quer dizer, do pai como puro significante. Parcial porque não psicotizante, ao título, eu diria, do lugar, que a mãe atribui à pessoa do pai, ao caso que esta faz de sua palavra, de sua autoridade, ao lugar que este ocupa na fantasmática ou na realidade sexual do casal. Pai real enfraquecido do lado da metáfora sem que seu nome seja totalmente faltante, recuperação possível da lei do significante pela mediação de uma mãe para quem funciona maravilhosamente a metáfora paterna na sua linhação, nós estamos sempre lá nas vias da neurose. É preciso um pouco mais para que apareça o desejo de analista como estrutura: a revelação da forclusão da linguagem, do significante que falta, do *A* barrado utilizado por Lacan para a escrita *d' A Mulher*. O dispositivo dito do Traço do Caso e sem dúvida outros dispositivos enquadrando um retorno sobre a prática da análise freudiana operam, eu já o indiquei, no "après coup" da cura que seguimos, das curas que efetuamos, de uma candidatura ao passe, mesmo julgada de alto rendimento. E num tal trabalho, o encadeamento quase lógico de questões de base, que quer uma mulher? Que é mulher? Que é a morte? coloca crua-mente em perspectiva o traço

do desejo de analista e o tempo da demanda de análise. Falando da sustentação das curas, um praticante da análise é enviado novamente por efeitos de enunciação à sua entrada em análise e à seu "fim", à seu desejo naquilo que o funda enquanto sujeito falante, seja a letra mesma que o representa, significante para outros significantes, subjetivação prévia a toda desubjetivação.

Se o "falo" encontra seu pleno impulso na escuta por Freud de suas pacientes histéricas, é a barra do significante que, escutam, sem dúvida melhor que os homens, as mulheres, analistas dos desejos masculinos.

Desta barra linguageira, a mulher (*A*) se encontra imediatamente excluída: o *A* se barra para que existam as mulheres (3).

Há pouco mais de dez anos, aquele de quem estas jornadas "Lacan na Itália" honram a memória, a história romana evocava a aproximação do limite de sua vida como o tempo de ocupar "enfim, o lugar do grande Outro!" Curiosa formulação da etapa última para um psicanalista autor de uma formalização metapsicológica do inconsciente na cura, de uma álgebra pela qual alguém — marcado de um desejo de x — um psicanalista, se oferece a qualquer outro primeiramente como sujeito suposto saber depois como objeto, objeto a destinado ao lixo no declínio da cura. Momento em fim de percurso do qual não nos espantaremos que ele questione este para além da demanda que representa o desejo, o nomeado "des-ser" de um fazendo eco à destituição subjetiva do outro, em fim! A pequena morte transferencial.

Pela sua presença de significante, o falo, abrindo toda verdade sobre sua dimensão de ficção (-ficção), na economia da análise, designa no seu conjunto os efeitos de significado. "Nenhuma necessidade de um significante, certamente, para ser pai, não mais do que para estar morto, mas sem significante ninguém saberá jamais nada nem de um nem de outro deste estados" (4). Isto fala no outro, diz ainda Lacan na Significação do Falo, (5) designando o Outro como o lugar mesmo que evoca o recurso à palavra em toda relação. "Se isto fala no Outro, que o sujeito o escute ou não como seu ouvido, é porque, é lá que o sujeito, por uma anterioridade lógica a todo despertar do significado, encontra seu lugar significativo. A descoberta do que ele

articula neste lugar, quer dizer, no inconsciente, permite captar ao preço de que divisão ele assim se constitui".

No mesmo escrito, portanto desde 1958, Lacan antecipa sobre seu famoso "Não há relação sexual" (6), colocando em perspectiva no homem e na mulher, no exercício de sua sexualidade, os jogos sutis da demanda e do desejo. Por uma dupla constatação ele insiste sobre a marca fálica do desejo: a instituição freudiana sublinhando, por um lado, que não há senão uma libido — é preciso dizer que de natureza masculina ou marcada pela função do significante fálico? Por outro lado indicando nisto o fato de que no ser humano a ostentação viril, ela mesma, parece feminina.

O questionamento do sexo pelo complexo, de castração a realidade estrutural deste "Não há relação sexual" como consequência da apreensão do sujeito na ordem significante (onde se inscreve a incompatibilidade original de toda passagem ao ato sexual entre analista e analisante com o prosseguimento da cura), um entrelaçamento particular do significante do Nome do Pai na cadeia significativa, tais são os elementos que eu proponho reconhecer na origem deste desejo de analista, intratável.

Claude Dumézil \*

## Notas

1) Jornadas da Convenção Psicanalítica: "As vias da Psicose". Besançon, 23, 24 de junho de 1990

2) Intervenção na sessão pública anual do dispositivo do "Traço do Caso", Paris, no Méditel, 3 de julho de 1991 (a ser editado)

3) Formulação de Danielle Treton (Trabalho de Cartel)

4) Lacan, J. (1955-1956) "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose." "Escritos", Le Seuil, Paris, 1966, p. 556

5) Lacan, J. (1958) "A significação do falo" "Escritos". Le Seuil, Paris, 1966, p. 689.

6) Lacan, J. (1966-1967) "De um outro ao Outro". Seminário inédito e 1973, "L'Étourdit", Scilicet IV, Le Seuil, Paris.

Tradução de Maria Beatriz Corrêa de Azevedo

\* Psicanalista francês  
Co-fundador da Fundação Européia para a Psicanálise.